



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Aproximações teórico-críticas sobre tecnologias, reprodução social e o papel da escola a partir da perspectiva do currículo integrado

Theoretical-critical approaches to technologies, social reproduction and the role of the school from the integrated curriculum perspective

Teoretikaj kritikaj aliroj pri teknologioj, socia reprodukto kaj la rolo de lernejo de la integra kurrikulo

Alessandra Bernardes Bender²⁶Ana Cláudia Burmester²⁷

Resumo

Este artigo resulta de uma revisão bibliográfica sobre o processo de escolarização e busca discutir os papéis atribuídos, social e historicamente, à escola. As aproximações teóricas englobam a perspectiva do currículo integrado e as reflexões propostas por Simons e Masschelein (2017) e Dussel (2017), além da abordagem crítica de Pennycook (1999). Propõe-se tecer essas aproximações teóricas a fim de tomar o currículo integrado enquanto possibilidade de oferecer aos jovens um espaço formativo intermediário, não utilitarista e que objetiva a criticidade. Nesse sentido, questiona-se igualmente o papel das tecnologias no processo da escolarização. Tal possibilidade implica inevitavelmente em uma percepção dos jovens enquanto sujeitos centrais do currículo, com suas culturas, identidades e expectativas.

Palavras-chave: Escolarização. Abordagem crítica. Jovens. Identidades.

²⁶ Graduada em Letras Português e Inglês, tendo cursado dois anos na Universidade Federal do Paraná (2003-2004) e concluído a formação na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (2005-2008). Especialista em Língua Inglesa pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (2009). Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira pelo Centro Universitário Internacional (2017). Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Santa Catarina (2019). Professora em Centros de Línguas de União da Vitória (2000-2002 e 2005-2012) e Curitiba (2003-2004). Professora de Língua Inglesa na Rede Estadual do Paraná de 2011 a 2015. Professora de Língua Portuguesa na Rede Estadual do Paraná de 2012 a 2015. Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Instituto Federal do Paraná, Campus União da Vitória, desde fevereiro de 2015. E-mail: alessandra.bender@ifpr.edu.br

²⁷ Graduada em Letras Português e Inglês pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (2008), especialista em Metodologia da Ação Docente pelo Centro Universitário da Cidade de União da Vitória (2011), especialista em Direito Educacional pelas Faculdades Itecne de Cascavel (2015) e Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Santa Catarina (2019). É Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) desde 2010. Atualmente trabalha na Diretoria de Estatística e Informações Acadêmicas, vinculada à Pró-Reitoria de Ensino do IFSC. E-mail: acburmester@gmail.com



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Abstract

This paper is the result of a bibliographic review about the schooling process and it intends to discuss the social and historical roles assigned to school. The theoretical explorations involve the integrated curriculum perspective and the reflections proposed by Simons and Masschelein (2017) and Dussel (2017), besides Pennycook's critical approach (1999). The paper aims at proposing these theoretical explorations in order to conceive the integrated curriculum as a possibility to offer young people an intermediate formative space, non-utilitarian and critical-oriented. Such possibility inevitably entails a perception of youth as the central actors of the curriculum, with their cultures, identities and expectations.

Keywords: Schooling process. Critical approach. Youth. Identities.

Resumo

Ĉi tiu artikolo rezultas de bibliografia recenzo pri la lerneja procezo kaj celas diskuti la rolojn atribuitajn, socie kaj historie, al la lernejo. La teoriaj aliroj ampleksas la perspektivon de la integra instruplano kaj la pripensojn proponitajn de Simons kaj Masschelein (2017) kaj Dussel (2017), krom la kritika aliro de Pennycook (1999). Oni proponas teksti ĉi tiujn teoriajn alirojn por preni la integran instruplanon kiel eblon oferti al junuloj mezan, neutilisman forman spacon, kiu celas kritikemon. Tiusence ankaŭ la rolo de teknologioj en la lerneja procezo estas pridubita. Tia ebleco neeviteble implicas percepton de junuloj kiel centraj temoj de la instruplano, kun iliaj kulturoj, identecoj kaj atendoj.

Ŝlosilvortoj: Lernejo. Kritika aliro. Juna. Identecoj.

1 INTRODUÇÃO

O texto que segue é resultado de uma revisão bibliográfica que objetiva tecer considerações e promover aproximações teóricas, tendo por tema geral a discussão a respeito dos papéis desempenhados pela escolarização formal. No contexto da escolarização, toma-se o currículo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, na forma integrada ao Ensino Médio, como o elemento de análise desses papéis atribuídos social e historicamente.

O espaço escolar é frequentemente alvo de críticas e muitos costumam ter uma solução rápida e eficiente para sua melhoria. Entretanto, tais críticas e soluções passam por noções de qual é, ou quais são, o(s) papel(éis) da escola. Atualmente, o senso comum nutre uma expectativa de que a escola incorpore as tecnologias mais sofisticadas de informação e comunicação, porém o processo de escolarização, conforme



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

compreendido por Dussel (2017), não pode se colocar à mercê de interesses econômicos e de formas culturais dominantes. A escola deve se constituir enquanto espaço autônomo e independente, ou seja, como um espaço intermediário, para usar a terminologia de Simons e Masschelein (2017), entre o que se foi e o que se pode vir a ser. Certamente as condições sociais serão incorporadas, mas não como condições fixas por meio das quais a escola deve se organizar, mas por meio de uma perspectiva crítica e transformadora, entendida por Pennycook (1999) como uma tomada de consciência, a partir de um olhar cético embasado na filosofia da práxis.

A reflexão a respeito da escola enquanto espaço intermediário culmina, neste artigo, na abordagem do currículo integrado, o qual parte justamente do princípio de uma formação integral, na qual conhecimentos gerais e técnicos não são hierarquizados e o trabalho é entendido em seus sentidos ontológico e histórico, isto é, enquanto constituinte de nossa humanidade e organizador da estrutura social. A escola não teria, dentro dessa perspectiva, uma função preparatória, seja para a continuidade dos estudos, seja para uma profissão. Assim, a formação integral passa pelo entendimento de que seus sujeitos devem ser compreendidos em seu papel no presente, isto é, o papel de estudante, levando em consideração como as condições instáveis de nossos tempos atuais são incorporadas na construção de suas identidades e também nas expectativas quanto à formação escolar.

O texto se organiza a partir de discussões propostas por Simons e Masschelein (2017) e Dussel (2017), além da abordagem crítica de Pennycook (1999), culminando com o enfoque do currículo integrado como uma possibilidade epistemológica e metodológica para propor uma formação que não seja pragmática e utilitarista, e que leve em consideração os jovens enquanto sujeitos do currículo.

2 PAPEL(ÉIS) DA ESCOLA: O ELOGIO AO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

Um dos discursos que mais se ouve em relação à escola é o de que ela precisa mudar, sendo essa mudança motivada por uma falta, por uma finalidade ou ambas (SIMONS; MASSCHELEIN, 2017). A falta remete à ideia iluminista de que a escola



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

precisa ‘dar’ aos alunos algo que lhes carece, já a finalidade aponta para o anseio de que a escola ‘sirva’ para o futuro de seus alunos. Esse anseio por uma ‘serventia’ reflete a perspectiva pragmática típica dos nossos tempos atuais, como confirma Barato (2015, p. 19, grifo nosso):

Predominava na época [década de 1970] o entendimento de que a finalidade da educação era a aquisição de conhecimentos. Tal entendimento, **ainda hegemônico nos dias de hoje**, entende a educação como um processo para facilitar acesso a saberes [...]. Nesse contexto, o ser do educando não é explicitamente considerado.

Para Simons e Masschelein (2017, p. 55), a aprendizagem escolar não deve ser direcionada por nenhuma finalidade ou falta, mas entendida enquanto possibilidade de estar-no-meio: “É uma experiência ‘intermediária’ ou ‘no meio’, ou seja, a condição na qual alguém deixou o seu lar seguro, o seu mundo da vida ou a sua casa, e tudo é (ainda) possível quando confrontado com o mundo lá fora”. É um momento dedicado para o conhecimento e reflexão, para o maravilhar-se e o questionar-se. De acordo com Dussel (2017), a escola deveria habilitar o estudante a um encontro distinto com o mundo, pelo qual esse encontraria o seu lugar nele, acessando os diversos modos de representação das experiências humanas. A autora afirma a importância do ato de ‘precarizar’ enquanto uma “forma de intervir em um estado de coisas – uma disciplina, uma ordem social – que permite pôr em evidência as exclusões ou as imposições e criticar ou subverter certo *status quo*” (DUSSEL, 2017, p. 90).

Tal subversão do *status quo* relaciona-se, em grande medida, com os pressupostos da pedagogia crítica: “um componente crucial do trabalho crítico é sempre manter um olhar cético com relação a suposições, ideias que se tornaram naturais, noções que não são mais questionadas” (PENNYCOOK, 1999, p. 343, tradução nossa). A educação como um processo que visa apenas promover o acesso a saberes já era denunciada por Freire (2005) – precursor da Pedagogia Crítica – como ‘educação bancária’, no sentido de que o professor pretende ‘depositar’ conhecimentos nas mentes de seus educandos. A relação entre a ‘educação bancária’ e a Abordagem Crítica é inversamente proporcional: “Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele” (FREIRE, 2005, p. 68). Essa falta de consciência crítica é delatada por Santos (2017) sob a alcunha da escola como celeiro de deficientes cívicos, em que apenas o que importa é a utilidade dos conhecimentos para o mercado de trabalho.

Em consonância com essa perspectiva utilitária, predomina no senso comum a noção de que a escola é obsoleta em suas formas e conteúdos, necessitando urgentemente incorporar o ‘lado de fora’ (DUSSEL, 2017). Estando esse ‘lado de fora’ cada vez mais dominado por tecnologias de informação, são elas que despontam atualmente como as novas autoridades em termos de educação. Entretanto, se a escola é entendida, como mencionado anteriormente, enquanto um encontro distinto com o mundo, exigir que ela incorpore os pressupostos econômicos associados às tecnologias da informação seria tolher a liberdade que a constitui enquanto instituição educacional:

Que liberdade há quando é definida pelo algoritmo das máquinas de busca, que já não se apoiam em uma tradição, mas em uma hierarquia de interesses econômicos complexa e opaca, formas culturais dominantes e lugares comuns? Que espaço resta para que o sujeito tome distância desse arquivo? (DUSSEL, 2017, p. 99).

A distância mencionada na citação acima é o que possibilita um dos pontos essenciais do trabalho crítico: a tomada de consciência enquanto passo inicial do processo de mudança (PENNYCOOK, 1999). Para que se tenha uma compreensão sobre determinado fenômeno, é necessário um distanciamento inicial, que, futuramente, guiará uma ação de maneira fundamentada. Paulo Freire cunha o termo ‘práxis’ na década de 70 justamente para unir a tomada de consciência e a ação embasada:

A práxis [...] é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos. Desta forma, esta superação exige a inserção crítica dos oprimidos na realidade opressora, com que, objetivando-a, simultaneamente atuam sobre ela. Por isto, inserção crítica e ação já são a mesma coisa. (FREIRE, 2005, p. 42).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Assim como a prática deve ter sólido embasamento teórico, também a teoria deve partir da prática: “A práxis pode ser entendida como os papéis mutuamente constituídos da teoria embasada na prática e da prática embasada na teoria. É uma maneira de pensar sobre o trabalho crítico que não dicotomiza teoria e prática, mas as vê como interdependentes” (PENNYCOOK, 1999, p. 342, tradução nossa). Semelhante à noção de práxis, que aproxima dimensões que poderiam ser tratadas como opostas, Simons e Masschelein (2017, p. 55) afirmam que a escola, enquanto forma pedagógica, realiza um duplo movimento de trazer alguém para uma posição de ser capaz e de expô-lo para algo fora:

Esse duplo movimento não começa com as crianças tendo certo destino (baseado nas suas habilidades naturais ou sociais e identidades culturais), mas permite às crianças se tornarem estudantes e encontrarem o seu próprio destino. Poder-se-ia dizer que isto é porque a decisão de levar as crianças para a “escola” é em si mesma uma intervenção política, e que a escola não precisa de um ideal externo ou extra ou de uma função política projetada.

Nesse sentido, Moura (2017) alerta para a necessidade de adoção de uma postura crítica em relação aos discursos sobre a educação que se fundamentam na teoria do capital humano e asseveram que se o nível educacional for alto, haverá um maior desenvolvimento econômico. As próprias Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (BRASIL, 2013, p. 210) afirmam que se deve “adotar uma concepção educacional que não considere a educação como a única variável de salvação do país”, pois não há como assegurar que um curso garantirá a alguém um emprego. Os postos de trabalho dependem de toda uma situação político-econômica que passa, é evidente, pela educação, mas que dela não pode exigir um papel, e um poder, que não possui.

Enfim, a discussão sobre o papel ou os papéis da escola passa necessariamente pelos ideais de projetos de sociedade que almejamos. A garantia da escola enquanto espaço intermediário permite o questionamento dos valores que subsidiam a sociedade e sua transformação. É o mito da caverna às avessas, como ilustrado por Simons e Masschelein (2017, p. 62), que entendem a experiência da aprendizagem como



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

“acorrentar as pessoas gentilmente a fim de dar-lhes tempo e espaço para pensar, para estudar, mas também para apresentar-lhes o mundo e pedir sua consideração”.

3 O CURRÍCULO INTEGRADO, SEUS SUJEITOS E A VIVÊNCIA DA EXPERIÊNCIA ESCOLAR

A discussão acerca do(s) papel(éis) da escola perpassa o currículo, compreendido não apenas como um rol de conteúdos, mas como um espaço regulado e normatizado que organiza a estrutura e a função escolar (ARROYO, 2013). O currículo representa e apresenta os sujeitos e suas identidades; valores e concepções de educação, de mundo, de trabalho, de mundo do trabalho. Embasando seus conteúdos, objetivos e as práticas que prevê estão, portanto, concepções filosóficas, políticas e epistemológicas.

A partir dessa perspectiva de currículo e das contribuições teóricas de Pennycook (1999), Simons e Masschelein (2017) e Dussel (2017), lança-se um olhar sobre o currículo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM), em sua forma integrada, a fim de analisar a possibilidade dele representar aos seus sujeitos a vivência do papel de estudante, compreendendo-se a escola como o espaço intermediário cujas finalidades não se voltam estritamente à inserção no mercado de trabalho, mesmo se tratando de um contexto de formação profissional.

De acordo com Ciavatta (2005), a ideia da integração remete-se ao objetivo de compreender a educação como uma totalidade social, tendo em vista o objetivo maior da emancipação humana. Desta forma, a preparação para o trabalho deveria estar articulada à educação geral.

A defesa da integração entre uma formação geral básica e comum a todos e a formação profissional, que não seja concebida de forma pragmática, utilitarista e adestradora, como possibilidade de se promover uma formação integral aos jovens no contexto atual, também pode ser encontrada em autores como Frigotto (2005), Ramos (2010; 2008) e Moura (2010). Tal concepção baseia-se no trabalho enquanto princípio educativo, isto é, toma o trabalho em seu sentido histórico e ontológico.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Compreende-se que o homem é resultado do seu trabalho e, portanto, precisa aprender a tornar-se homem. E isso abrange todas as dimensões da vida humana, do que é fruto do trabalho humano de criação e transformação: a ciência, a tecnologia, a cultura, a sociedade e também os meios de produção econômica.

Mas, se o trabalho é tomado em seu sentido ontológico, daquilo que faz parte da própria essência humana, isso não significa que a formação escolar não deva organizar-se também a partir das relações de produção, desenvolvidas social e historicamente. Pelo contrário, sob a proposta pedagógica do currículo integrado vislumbra-se a formação profissional também enquanto dimensão da vida humana e, portanto, necessária à formação integral dos sujeitos. Assim, Ramos (2010, p. 49) esclarece que o trabalho “conquanto também organize a base unitária do ensino médio, fundamenta e justifica a formação específica para o exercício de profissões”.

A proposta curricular integrada, portanto, não se resume a uma preparação para outro nível de ensino, e tampouco busca apenas a formação de profissionais para atenderem às demandas do mercado de trabalho. Objetiva, pelo contrário, a emancipação e a criticidade que permitem aos sujeitos apreender a realidade em sua complexidade e contraditoriedade, sabendo que cabe ao ser humano agir para a sua transformação. E, nesse sentido, é possível aproximá-la da Abordagem Crítica conforme postulada por Pennycook (1999), que se fundamenta na tomada de consciência por meio da práxis.

O conceito de práxis, a partir de Pennycook (1999), pode ser relacionado à indispensável integração entre conhecimentos gerais e técnico-profissionais, que forma a base epistemológica do currículo integrado.

Seria possível, ainda, pensar a experiência formativa do currículo integrado como um estado intermediário, associada ao ideal preconizado por Simons e Masschelein (2017). Trata-se, portanto, de uma formação que ultrapassa o utilitarismo e que, em seu horizonte, objetiva a formação integral dos estudantes. A habilitação profissional, nesse sentido, não é uma restrição, mas uma possibilidade aos jovens, sem, no entanto, desvincular-se do espírito crítico que a práxis demanda.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

É interessante refletir, igualmente, sobre a vivência dos sujeitos na escola quando tomada como um espaço intermediário e que, conforme expõe Dussel (2017), precisa suspender a ordem comum das coisas, profanar saberes e criar o tempo livre. Essa concepção implica considerar os sujeitos em seus papéis de estudantes ou, mais do que isso, criar as condições para que eles assumam seus papéis como estudantes. E o que significaria isso?

Atualmente, enfatizam-se abordagens teóricas que assumem a categoria analítica das juventudes como um importante elemento de reflexão a respeito dos sentidos e dos papéis da escolarização e do currículo. Camillo (2014), por exemplo, assume a pluralidade das identidades juvenis que fazem parte do contexto escolar e, assim, explica que os jovens são vários e já são sujeitos, no momento presente. Isto é, a escolarização não representa uma preparação para um vir a ser.

Considera-se que a própria concepção do currículo integrado não reconhece a experiência escolar do Ensino Médio como uma simples preparação - para o ensino superior ou o mercado de trabalho - mas sim como a formação, no momento presente, do jovem que se defronta com a complexidade da realidade em que se insere. Conforme explica Simões (2010, p. 100), “os jovens possuem uma lógica própria, o que significa que eles são sujeitos das suas próprias ações”. E, assim sendo, vivenciam a experiência escolar e a significam de acordo com suas culturas, identidades e expectativas.

A vivência da experiência escolar, na contemporaneidade, cerca-se de novos desafios à constituição de seus sentidos, muitos deles reflexos das mudanças sociais advindas das novas formas de organizar o tempo e o trabalho. Segundo Leccardi (2005), em meio à globalização econômica e cultural, o pluralismo de valores e a individualização, não há espaço para ideias de controle e certezas e restam ameaças sob riscos globais, políticos, sanitários, ambientais e sociais. Por isso, a noção de futuro e de sua vivência se modifica, e isso afeta diretamente a abordagem da condição juvenil.

As relações de trabalho também são diretamente afetadas pela nova ordem social, diminuindo laços entre os trabalhadores, o espaço e a atividade de trabalho e sustentando-se nas ideias de flexibilidade e incerteza (SENNETT, 2009).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A formação integral dos estudantes, a partir do currículo integrado, insere-se nesse contexto, trazendo questionamentos e, ao mesmo tempo, possibilidades. O desafio da integração de conhecimentos, que se projeta a partir da histórica dualidade social e educacional brasileiras, é permeado também pelas incertezas da contemporaneidade que, por sua vez, impactam na condição juvenil e na vivência do papel de estudante dos jovens. Ao mesmo tempo, a proposta curricular integrada pode ser apreendida a partir do ideal formativo que considera seus sujeitos no momento presente, vivenciando o espaço e os saberes escolares e promovendo a reflexão crítica a respeito do mundo do trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A materialização do currículo integrado é um processo complexo, que depende de elementos variados os quais incluem, segundo Machado (2010), uma mudança de postura por parte dos sujeitos. Essa mudança está relacionada às concepções epistemológicas que organizam o currículo, mas também diz respeito às concepções filosóficas e políticas. Por isso, a análise do currículo integrado a partir de novos olhares e outras teorias representa um esforço de contextualizar a sua concepção, tendo em mente o seu elemento principal, isto é, os estudantes que vivenciam o processo formativo.

Assim, a tentativa de promover aproximações teóricas às abordagens de Pennycook (1999), Simons e Masschelein (2017) e Dussel (2017) procura fornecer pistas para uma compreensão do currículo integrado, da EPTNM e da educação, de maneira geral, para além das tecnologias enquanto reprodução social.

É importante enfatizar que não se nega o aspecto institucionalizado da escola que, como parte de um todo complexo de relações desiguais de poder, também reproduz as desigualdades sociais (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002; MARIANO, 1989; ILLICH, 1985). Igualmente não se nega a possibilidade de uma incorporação crítica de tecnologias educacionais. Contudo, afirma-se a possibilidade de um olhar que busca enaltecer a experiência escolar, sob o currículo integrado, como um diferencial na formação dos jovens, considerado um espaço intermediário que não está alheio à



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

realidade, mas que, a partir dela, desenvolve a criticidade e representa perspectivas formativas aos sujeitos do currículo.

Dessa maneira, não se perde de vista o compromisso ético que o currículo integrado assume com a transformação social, por meio da formação dos jovens. Mas, para isso, é necessário considerar a condição juvenil na vivência escolar, em meio ao contexto das incertezas contemporâneas, bem como destacar o papel diferenciado que à escolarização formal atribui-se visando a esse processo de transformação.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARATO, Jarbas Novelino. **Fazer bem feito: valores em educação profissional e tecnológica**. Brasília: UNESCO, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CAMILLO, Eliane Juraski. Elucubrações sobre juventude e cultura juvenil: no singular ou no plural? **III Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão do IFC**, Camboriú, SC, abr. 2014. Disponível em: <<http://eventos.ifc.edu.br/seminariointegrado/wp-content/uploads/sites/4/2015/03/ELUCUBRA%C3%87%C3%95ES-SOBRE-JUVENTUDE-E-CULTURA-JUVENIL-No-singular-ou-no-plural.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria.; RAMOS, Marise. (Orgs.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

DUSSEL, Inés. Sobre a precariedade da escola. Tradução de Fernando Coelho. In: LARROSA, Jorge. (Org.). **Elogio da escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 44. ed. São Paulo: Terra e Paz, 2005.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

FRIGOTTO, Gaudêncio. Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria.; RAMOS, Marise. (Org.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1985.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, p. 35 - 57, nov. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12470>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

MACHADO, Lucília. Ensino Médio e técnico com currículos integrados: propostas de ação didática para uma relação não fantasiosa. In: MOLL, Jaqueline (Org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MARIANO, Fernández Enguita. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MOURA, Dante Henrique. A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica. **Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/rev_brasileira.pdf. Acesso em: 22/12/2017.

_____. Ensino médio e educação profissional: dualidade histórica e possibilidades de integração. In: MOLL, Jaqueline (Org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 78, abr. 2002.

PENNYCOOK, Alastair. Introduction: Critical Approaches to TESOL. **TESOL Quarterly**, Virginia, v. 33, n. 3, 1999.

RAMOS, Marise Nogueira. **Concepção do Ensino Médio Integrado. 2008**. Disponível em: <http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrado5.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2017.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

_____. Ensino médio integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. In: MOLL, Jaqueline (Org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SANTOS, Milton. **Os deficientes cívicos**. Disponível em:
< http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/dc_3_9.htm>. Acesso em: 11 dez./2017

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução de Marcos Santarrita. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SIMÕES, Carlos Artexes. Educação técnica e escolarização de jovens trabalhadores. In: MOLL, Jaqueline e colaboradores. **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SIMONS, Maarten; MASSCHELEIN, Jan. Experiências escolares: uma tentativa de encontrar uma voz pedagógica. Tradução de Fernando Coelho. In: LARROSA, Jorge (Org.). **Elogio da escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Recebido em: 11/09/2020
Aprovado em: 27/10/2020
Publicado em: 28/12/2020